

044

DOS FINS DA POLÍTICA E DA RELIGIÃO: O PENSAMENTO ANCHIETANO E SUA APROPRIAÇÃO PELO REGIME MILITAR. *Ulisses da Motta Costa, Eliane Cristina Deckmann Fleck (orient.)* (UNISINOS).

O projeto “Dos fins da política e da religião: o pensamento anchietano e sua apropriação pelo regime militar”, iniciado em fevereiro de 2006, tem como objetivo a realização de um estudo analítico-crítico dos discursos e conferências que integram a coletânea “Anchietana”, proferidos por intelectuais, religiosos e autoridades militares e que fundamentaram o processo de instituição do “Dia de Anchieta”, no ano de 1965. Constituiu preocupação central a investigação das motivações para a instituição desta data no período de implementação da ditadura militar, cotejando a documentação acima referida com a produção de uma memória sobre Anchieta através do estudo de suas mais representativas biografias. O sub-projeto “A Teologia Política em Anchieta” pretende investigar o pensamento político e teológico de José de Anchieta, ainda fortemente marcado pelo pensamento medieval e onde Estado e Igreja possuía os mesmos fins, através da análise da “Anchietana” – e, através desta coletânea, identificar quais os pontos deste pensamento que foram apropriados pelo regime de Castelo Branco numa tentativa de aproximação coma Igreja. Nesta mostra, serão identificados os primeiros resultados das leituras da “Anchietana”. Em seu universo de 49 textos e 47 autores, não há autoria de nenhum militar (com a exceção de um curto discurso do presidente Castelo Branco), sendo a presença mais significativa de acadêmicos e intelectuais civis em geral. Apenas sete religiosos contribuem com artigos e palestras transcritas. Há uma constante insistência nas palavras do presidente da Comissão para o Dia de Anchieta, Júlio de Mesquita Filho, de que a iniciativa da criação da data comemorativa foi uma idéia pessoal do próprio Castelo Branco, não do Regime em si. Nos textos da coletânea, são ressaltadas a santidade de Anchieta, a sua defesa irrestrita de valores morais e a sua posição como “precursor do nativismo” e “artífice da formação do Brasil”.